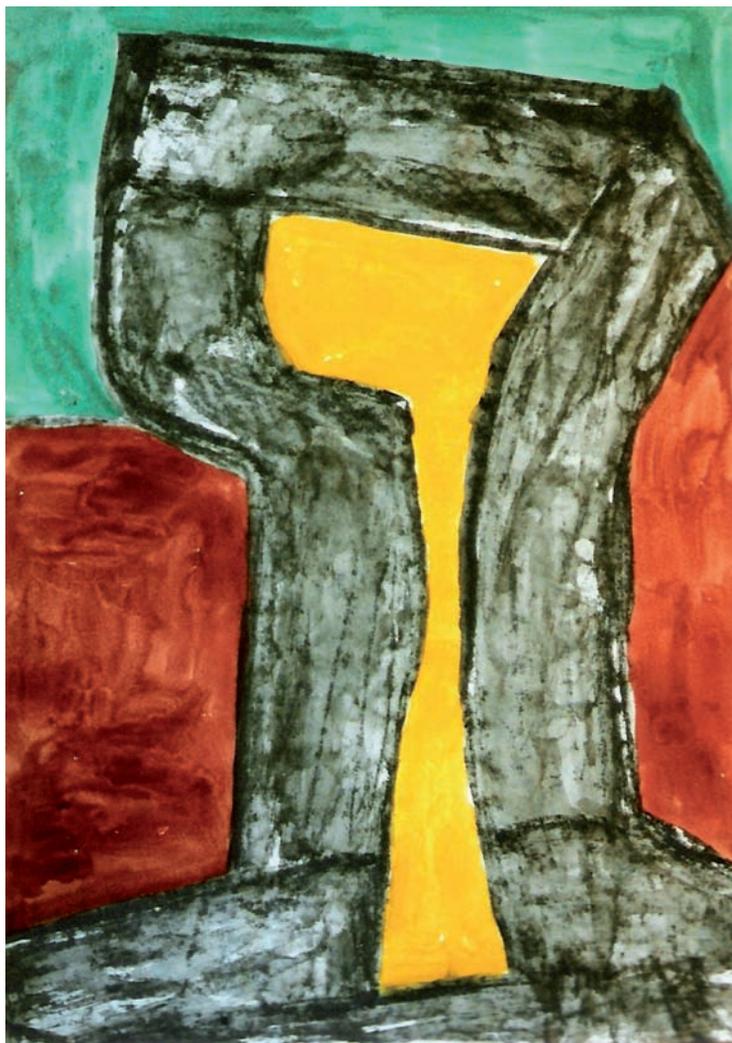


# HEIN SEMKE

## A Coragem de Ser Rosto



colecção arte e artistas

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

# HEIN SEMKE

## A Coragem de Ser Rosto

Preâmbulo e coordenação de Teresa Balté

2.ª edição, revista e aumentada



colecção arte e artistas

De onde me vem  
A coragem  
De ser rosto?

Hein Semke, *Und...*

Atrasou-se, este livro... Vai para mais de quatro anos que me foi pedido. O Vasco e o Hein que me desculpem.

Escrever a respeito de alguém é difícil, sobretudo se esse alguém nos está próximo: arriscamo-nos escrever-nos. Escrever a respeito de um artista, e implicitamente sobre arte, supõe um especialista que não sou. Basta de razões.

Disseram-se várias coisas sobre Hein Semke. Ele foi em Portugal o estrangeiro, o exótico, o intruso, pela circunstância quase fortuita de aqui ter chegado um dia, há muito tempo – há uma vida inteira. A sua arte essencial e vigorosa, a sua maneira directa de comunicar emoções e ideias incomodaram e ainda incomodam. Confundem? Semke é um homem e um artista controverso.

Atacado, vibrantemente glosado, compreendido e incompreendido pela crítica, rejeitado e aceite, silenciado, tolerado e amado, continuou intransigentemente fiel a si próprio.

Semke é uma rocha. A coerência do seu percurso estético conta-nos dessa força e solidez intrínsecas. A sua obra é o seu diário, a sua vida – uma autobiografia iconográfica, se quisermos.

Para a conhecermos precisamos de lê-la, de vê-la. Peregrinar pelos sítios por onde ela se encontra espalhada: os raros museus que a conservam, os jardins da Gulbenkian, dezenas de casas burguesas, capelas, armazéns de colecionadores. Precisamos de ir à Quinta da Nogueira e entrar no lagar; passar pela Universidade e pelo Ritz; visitar a Igreja Alemã e o que resta do pátio; estar atentos às exposições ocasionais; importunar o artista no *atelier* entre estátuas e quadros; folhear os trinta e tal livros

escritos e gravados com flores e máscaras, mulheres, Cristos, peixes, visões...

Falta um levantamento desta produção gigantesca. Falta impedir a degradação e perda de alguns trabalhos, não só de escultura. E faltam estudos específicos e um estudo abrangente deste diário de pedra, barro, madeira e papel; só eles permitirão formular juízos objectivos, se é que os há.

Não pretendo nem podia pretender apresentar nas páginas seguintes uma dissertação técnica, histórico-estética sobre Hein Semke. Mas é minha intenção evitar um discurso singular e redutor. Proponho factos e textos, sobretudo imagens.

Factos – que cronologicamente pontuam e narram uma existência.

Textos – que são uma amostra do que se tem escrito sobre a obra e o homem. Amostra dialéctica, porque Semke se vê por vezes tentado e obrigado a falar de si, a exprimir-se por outras palavras que não as das formas, das cores, das matérias plásticas; amostra polémica porque há testemunhos contraditórios, divergentes, mais ou menos formados ou informados, coloridos ou baços.

Imagens – fotografias impossíveis do real possível.

Detectam-se ecos, tendências, constantes? A compreensão do fenómeno artístico desafia preconceitos e dogmas. É na discussão recorrente das grandes questões, das problemáticas que resistem a respostas definitivas, pessoais ou epocais, que reside o sentido e a vitalidade da nossa cultura. Por isso convido o leitor a uma participação activa – a uma leitura directa já que não das obras, pelo menos dos textos.

Parece-me um exercício oportuno, e eventualmente esclarecedor sobre o artista Hein Semke, neste momento em que os artistas portugueses se tornaram de direito cidadãos da Europa. Espero que resulte uma reflexão tanto mais exemplar quanto a arte se tornou hoje em dia uma das últimas ilhas da liberdade humana, um dos lugares privilegiados onde ainda podemos afirmar, de modo construtivo e sem sanções de maior, a nossa individualidade e originalidade quer como criadores quer como fruidores. Uma advertência final: respeitou-se a ortografia dos textos citados excepto nos casos de gralha óbvia.

TERESA BALTÉ

Lisboa, Janeiro de 1988

Pensada para sair em 2005, por ocasião dos 10 anos da morte de Hein Semke, acompanhando a «exposição disseminada» de obras suas que então teve lugar no Museu do Chiado, Museu Nacional do Azulejo, Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, Biblioteca Nacional e CAM da Fundação Calouste Gulbenkian, a reedição deste livro só surge agora.

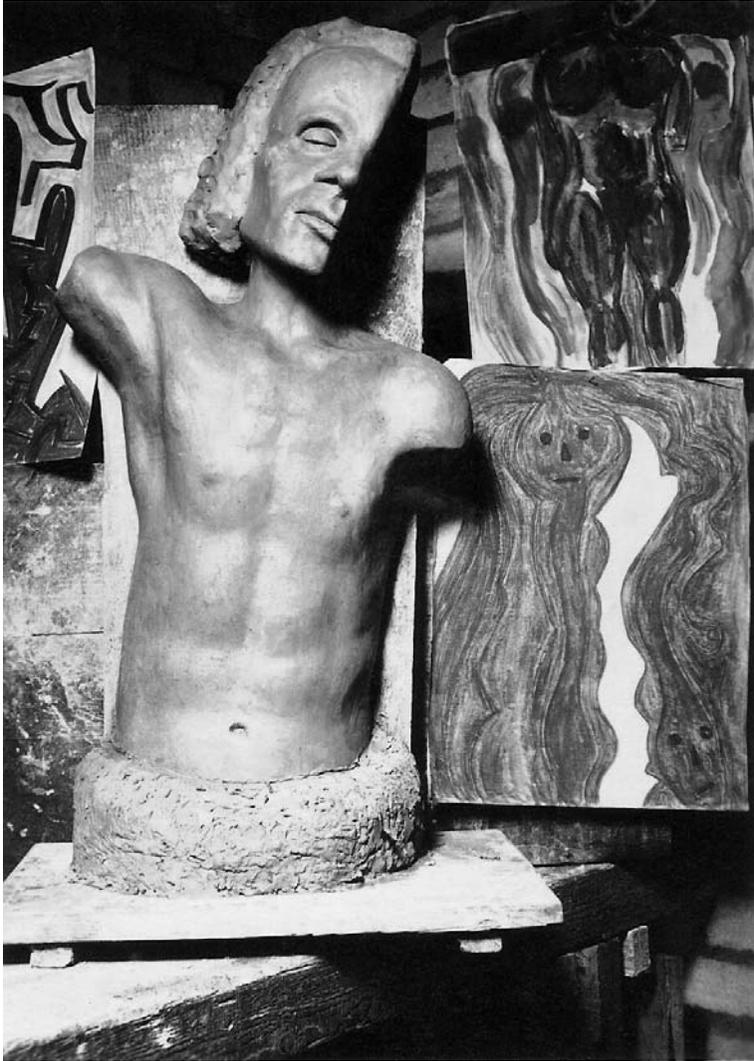
Tratando-se de uma cronologia – de factos, textos e imagens –, prolongámo-la até 1995. Também a aumentámos, corrigimos erros e actualizámos a ortografia dos textos citados, juntámos uma bibliografia seleccionada; e substituímos imagens.

De 1995 até hoje interessa ainda referir alguns factos:

Em 1997 *O Livro da Árvore* foi exposto na Biblioteca Nacional, Lisboa; o Museu de José Malhoa, Caldas da Rainha, organizou uma retrospectiva das *Esculturas*; e a exposição *Arte Portuguesa no Tempo de Fernando Pessoa: 1910-1940*, no Schirn Kunsthalle, Frankfurt, integrou trabalhos do escultor. Em 2000 o painel cerâmico *Cristo dos Pobres* ou *Cristo dos Pescadores* foi restaurado pela Fundação Mário Soares e colocado no jardim da Casa-Museu João Soares, em Cortes (Leiria). Em 2007 a exposição *Geflohen aus Deutschland: 1933-1945*, no Hamburg Museum, Hamburgo, integrou trabalhos de Hein Semke. Em 2008 foi publicado em Leipzig o livro de artista *Bestiarium-Calendarium*. E o essencial do levantamento da obra ficou feito: na sequência do da cerâmica, realizado em 1990 pelo Museu Nacional do Azulejo, o da escultura foi realizado em 1996 pelo Dr. Paulo Henriques; e depois, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, os da pintura, livros de artista, desenho, colagem, monotipia e xilogravura – inventário que se encontra acessível, na sua totalidade, na Biblioteca de Arte da Fundação.

Resta-me agradecer à Imprensa Nacional-Casa da Moeda a reimpressão deste volume há muito esgotado.

T. B.  
Lisboa, 2008



Atelier; Hamburgo, 1930

## FACTOS – TEXTOS – IMAGENS

**1899**

Hein Semke nasce em Hamburgo em 25 de Junho, filho de Hinrich Semke e de Ernestine Pauline Zobel Semke, o quarto de oito irmãos, sete rapazes e uma rapariga. O pai, filho de um pescador e natural de Reckum an der Weser (Bremen), é engenheiro de máquinas; a mãe é filha de um professor primário e originária do Erzgebirge, na fronteira checa.

**1906**

Entra para a escola primária.

**1909**

Por morte da mãe é internado num orfanato.

**1913**

Escreve o drama *Napoleon in Moskau* (*Napoleão em Moscovo*), perdido em 1943, quando do bombardeamento de Hamburgo.

**1914**

Sai do orfanato. As dificuldades económicas da família não lhe permitem estudar para padre ou professor, como desejava. O pai coloca-o como aprendiz de comércio em Rahde (Zeven).

### **1916**

Alista-se no exército como voluntário. É enviado para a frente russa na Ucrânia e depois para a França e para a Flandres.

### **1919**

Desmobilizado, regressa a Hamburgo em Março. Pacifista convicto após a experiência da guerra, deita fora as condecorações recebidas. Associa-se ao movimento anarco-sindicalista, viajando pela Alemanha, Holanda, Bélgica, Suíça e Áustria e trabalhando em diversas profissões – pedreiro, serralheiro, estivador, fogueiro, vendedor de jornais, mineiro, etc. Colabora no jornal *Alarm*, de Carl Langer.

### **1920**

Em Hamburgo, participa na revolta de Maio (*Aufstand von den Arbeitslosen*). Durante pouco tempo tem com um amigo uma livraria de livros de aluguer, sobre temas históricos, políticos e sociais.

### **1923**

Participa na revolução de Outubro. Detido por motivos políticos, é condenado a seis anos de prisão solitária.

### **1928**

É liberto por ocasião de uma amnistia geral, concedida pelo marechal Hindenburg. Na impossibilidade de arranjar outro emprego, pensa tornar-se domador de ursos brancos e trabalhar num circo. Amizade com o escritor William Quindt.

### **1929**

Deixa a Alemanha. Embarca no *Cap Arcona* e chega a Lisboa em 9 de Abril. Uma carta de apresentação do pastor da Missão de Estrangeiros de Hamburgo para o padre da Comunidade Evangélica Alemã de Lisboa



*Figura Sentada*, 1930; barro cozido;  
altura: 55 cm



*Máscara Grottesca*, 1931;  
barro refractário; altura: 13 cm



Sem título, c. 1931; xilogravura;  
37,5 x 10,5 cm

## ÍNDICE

<i>Preâmbulo à 1.<sup>a</sup> edição</i> .....	7
<i>Preâmbulo à 2.<sup>a</sup> edição</i> .....	9
FACTOS — TEXTOS — IMAGENS .....	11
<i>Bibliografia seleccionada</i> .....	303